

SAVITRI, LIVRO I, CANTO II

A QUESTÃO

(seleção de textos)

Uma escuridão absoluta, supranatural recai
Às vezes sobre o homem, quando ele se aproxima de Deus:
Chega uma hora em que todos os meios da Natureza falham;
Empurrado para fora da Ignorância protetora
E atirado de volta à sua desnuda carência primordial,
Em profundidade ele precisa desvencilhar-se de sua alma de superfície
E ser a entidade interior, sem vestes;
Essa hora caíra agora sobre Savitri.

E a vastidão possante da terra primitiva
E a multidão absorta de pacientes árvores
E a meditativa calma de safira do céu
E o peso solene dos meses que passam com vagar
Tinham deixado nela espaço profundo para pensamento e Deus.
Ali, o prólogo radiante de seu drama foi vivido.

Aqui, repentino como são os adventos divinos,
Repetindo a maravilha da primeira descida,
Transformando em êxtase a enfadonha ronda terrena,
O Amor veio para ela, ocultando sua sombra, a Morte.
Ele bem poderia nela encontrar seu perfeito santuário.

Como em dança mística e dinâmica,
Uma sacerdotisa de êxtases imaculados
Inspirada e regida desde a abóbada reveladora da Verdade
Move-se nalguma caverna profética dos deuses,
Um coração de silêncio nas mãos da alegria,
Habitado com ricas pulsações criativas
Um corpo como uma parábola da aurora,
E que parecia um nicho para a velada divindade
Ou de um templo o dourado portal para coisas além.

Assim como poderia um'alma voar, como um pássaro caçado,
Com asas exauridas escapando de um mundo de tormentas,
E uma quietude alcançar, como um peito lembrado,
Num refúgio de segurança e esplêndido, suave repouso,
Assim podia-se sorver de volta a vida, em correntes de fogo-mel,
Recuperar-se o hábito perdido da felicidade,
Sentir o ambiente glorioso de sua natureza radiosa,
E alisar a alegria em seu domínio de calidez e cor.

Ou tolerar a Ignorância e a Morte
Ou talhar os caminhos da Imortalidade,
Ou vencer ou perder o jogo divino para o homem,
Esta era a questão de sua alma, lançada com os dados do Destino.
Mas não para submeter-se e sujeitar-se ela nascera;
Conduzir, libertar era seu glorioso quinhão.

Uma criatura nascida para dobrar-se sob o jugo,
Uma propriedade e um brinquedo nas mãos dos senhores do Tempo,
Ou só um peão a mais, que vem com o destino de ser empurrado
Num lento movimento à frente num tabuleiro sem medida
No jogo de xadrez entre a alma-terra e o Destino,
Tal é a figura humana desenhada pelo Tempo.

Uma forma consciente ali estava, uma Força autonascida.

Um cinzento tribunal da Ignorância,
Uma Inquisição dos sacerdotes da Noite
Assentados em julgamento sobre a alma aventureira,
E as tábuas duais e a norma do Karma,
Refreiam em nós o Titã e o Deus:
A dor com seu chicote, a alegria com sua propina prateada
Guardam a imobilidade circulante da Roda.

A Morte suspende o descobridor viajante, a Vida.

Mágica alavanca de súbito é tomada,
Que move a vontade atemporal do velado Inefável:
Uma oração, um ato-mestre, uma ideia-rei
Podem unir a potência do homem a uma Força transcendente.

Uma guerreira flamejante dos cumes eternos,
Dotada de poder para forçar a porta negada e cerrada,
Golpeou no semblante da Morte seu mudo absoluto
E rompeu os limites da consciência e do Tempo.